

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Leila Maria Biscolla Esperança

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2019

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Maria Lucia Mendes de Carvalho da Cetec Capacitações/GEPEMHEP do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A nutricionista e artista plástica Leila Maria Biscolla Esperança foi aluna e professora da Etec Carlos de Campos, do curso Técnico em Nutrição e Dietética. Fez parte da equipe da professora e coordenadora Neide Gaudenci de Sá, nessa escola. Foi professora de nutrição no Centro Universitário São Camilo. É autora de livro didático no campo da nutrição, juntamente com Mônica Santiago Galisa e Neide Gaudenci de Sá, em 2007.

Elaboração do roteiro da pesquisa: -

Local da entrevista: Residência da entrevistadora em São Paulo/SP.

Data: 16 de janeiro de 2019

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 1 hora, 2 minutos e 31 segundos

Número de vídeos: dois

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 23

Sinopse da entrevista

Para compor o projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto para o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), da Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, realizou-se entrevista com a artista plástica Leila Maria Biscolla Esperança, por ter sido

estudante e professora do curso Técnico em Nutrição e Dietética da Etec Carlos de Campos, entre 1979 e 1996.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: entre 2 de abril e 22 de dezembro de 2022 e concluída em 13 de setembro de 2024.

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Vídeo um (10 minutos e 32 segundos)

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, Leila Maria Biscolla Esperança. Eu agradeço muito, você ter aceito o nosso convite para gravar essa entrevista de história oral de vida, hoje que é dia 16 de janeiro de 2019, para nós conversamos sobre a sua formação onde você estudou, a sua origem, como você chegou na Carlos de Campos, porque decidiu dar continuidade as suas atividades na área de Nutrição, inclusive dando aulas em curso universitário, e finalmente, ligada à Artes, como artista plástica.

Leila Maria Biscolla Esperança (LMBE): Boa tarde Maria Lucia. Para mim foi uma surpresa e quero agradecer o convite para me chamar sobre a memória da nutrição. Porque eu sempre fui apaixonada pela nutrição. Mas, também desde pequena, eu fiz o ginásio na Escola Maximiliano, era uma escola do estado, na época tinha ginásio, e quando chegou na quarta série, que hoje seria a oitava série do Ensino Fundamental, eu queria fazer curso técnico, e dar continuidade. Eu sempre fui criada e queria trabalhar, eu achava que era alguma coisa na área de saúde. E eu fui conhecer a Carlos de Campos, eu estava interessada em fazer Enfermagem na Carlos de Campos, e assim que eu pus o pé na Carlos de Campos, eu encontrei a Dona Neide Gaudenci de Sá, e ela com aquele jeitinho dela, ela me apresentou o que era o curso Técnico de Nutrição, e foi amor à primeira vista, amor pela pessoa, e amor pela ciência da nutrição. Porque foi uma descoberta para mim, eu nem sabia o que era nutrição, e não tinha ideia o que era isso. Daí ela tinha um curso preparatório, porque tinha um curso e um exame para você prestar para entrar no ensino técnico, e ela tinha um cursinho de férias, e a gente fazia já para se preparar e prestar o vestibular. Era o vestibulinho que a gente falava. Eu fiz isso e o curso foi com ela, foi de um mês. Aliás, era um bar ali na Rua Monsenhor Andrade, onde de um lado fica a escola, andava e atravessava a rua Oriente, e andava mais um pouquinho e tinha um bar e no fundo tinha uma sala, a gente fazia aula lá, e a aproximação foi maior ainda. É lógico passei, mas eu tinha um certo respeito, morria de

medo dos professores e essas coisas todas. Eu lembro muito bem da minha primeira aula com a Dona Neide, no curso técnico em nutrição, ela entrou e falou que não aguentava barulho, e que ela não queria conversa, e que ela ficava irritada se alguém derrubasse um lápis no chão. E daí eu derrubei e caí todo o meu estojo no chão, e eu não sabia o que fazer, porque eu não queria e daí ficou aquele silêncio e ela nem lembra. Depois eu fiquei sabendo que ela morava perto de casa. Ela e a Dona Noêmia Rodrigues Caldas, a Noêmia que morava no quarteirão acima de casa. E a Dona Neide morava perto do Palmeiras, que era exatamente o clube que eu frequentava e ia sempre, e tudo mais, e daí enquanto aluna eu comecei a pegar carona, porque as duas iam juntas para dar aulas, e eu pegava carona para ir para a Carlos de Campos, e eu ia no banco de trás, quieta, muda, só ouvindo. Mas eu tinha uma admiração pelas duas muito grande, e daí começou a aparecer. E a Dona Neide acho que me descobriu, e eu comecei a me apaixonar pela nutrição, eu tinha bem essa coisa do alimento que vai compor o nosso corpo, essa coisa da bioquímica, como é que você come e vai constituindo o nosso corpo. Como é que você come um pedaço de carne ou uma fruta e eu sempre tive muito interesse pela nutrição. E eu ficava encantada com o valor calórico e com os cálculos nutricionais e eu já me dedicava bastante para essas coisas. E a Dona Neide sempre fazia seminários, preparava e fazia as chicanas, e ela tinha um sistema de avaliação bárbaro. Ela tinha isso todo dia, toda semana e um sistema de avaliação bárbaro e te habituava a estudar sempre. E isso era muito importante eu participava junto com ela das pesquisas. Eu já dava aulas e na realidade eu falava que não queria dar aula, eu ia me formar e fazer outra coisa, Odonto. Mas, tinha aquela convivência da vida também. Bom, me formei em 1974 na Carlos de Campos. Eu tinha dezoito anos, eu faço aniversário em dezembro, tinha acabado de completar 18 anos. E eu fui fazer um intercâmbio e estudar seis meses, aquele intercâmbio estudantil, fui para os Estados Unidos e voltei em agosto, quase setembro, final de agosto de 1975. Meus pais não queriam que eu fosse e falaram assim: - não, fica, depois eu te dou um carro, e eu disse: - eu vou e depois eu trabalho e compro o meu carro. Eu sempre tive essa curiosidade, de estudar e conhecer novas pessoas, novos horizontes, eu sempre gostei muito disso. Voltei, e assim que eu voltei, a Dalila, professora da Carlos de Campos, ela sofreu um acidente, quebrou a perna, e precisava de alguém para substituir, e eu ia fazer o curso de três meses, acho que começava em setembro, e eu ia prestar Odontol., me matriculei no cursinho, no Objetivo. E a Dona Neide veio e disse: - nós estamos precisando de uma pessoa para dar aula de laboratório. Perguntei: Mas como Dona Neide? Eu acabei de sair o ano passado da Carlos de Campos, não pode. Pode sim. Você entra como técnica. Eu sou novinha? Eu entrei num momento de transição. Quando eu me formei, eram três anos, e quando eu entrei a turma passou para quatro anos, e aí eu fui dar aula para uma turma que poderia estar se formando junto comigo, mas na realidade faltava um ano. Eu fui dar aula no

laboratório, como técnica, eu entrei no lugar da Dalila, e que me deu uma força nisso foi a Dona Debble. Porque a dona Debble, que era da parte de Bioquímica e da parte de Laboratório, foi ela que me ajudou. Mas, para mim era difícil entrar na sala dos professores, pois eu tinha saído de lá como aluna. Eu tinha acabado de sair de lá e não tinha entrado nem para a faculdade de nutrição, tinha acabado de sair de lá. Mas foi muito interessante, o contato com o aluno, o contato com o outro, e de novo eu me encantei. Eu prestei vestibular para a Nutrição, mas também prestei para Odonto, naquela época não tinha Fuvest, nada. Prestei São Camilo, Nutrição, e, prestei Odonto na PUC e, também prestei na Unicamp – Odontol., mas daí o que aconteceu: o vestibular foi anulado. No dia teve chuva e eles marcaram um outro dia para refazer o vestibular. Marcaram a data do vestibular para o mesmo dia da São Camilo, e eu lembro que eu resolvi fazer a São Camilo. Passei e eu fui da primeira turma da Faculdade São Camilo. Então, quer dizer, a Dona Debble estava organizando a Faculdade São Camilo, eu peguei os primeiros professores que estavam dando aulas na São Camilo, e daí começou aquela coisa, de equiparar o curso técnico com o de nutrição, e a Dona Neide, a Dona Debble, e alguns professores não eram nutricionistas, e aí depois eles foram equiparados, então teve problemas no currículo da faculdade. Então o nome da Dona Debble entrou no currículo da São Camilo, mas no final quem organizou e tocou a direção foi a Dona Holanda Moretti que veio de Salvador e daí começou uma nova turma.

MLMC: Mas a professora Debble era nutricionista porque ela se formou.

LMBE: Sim, por isso que o nome dela entrou na São Camilo para dar o curso.

LMBE: Sim.

MLMC: A professora Debble estava para se aposentar e parar com a nutrição nessa época.

MLMC: Mas você tem razão, o curso da Dona Debble, também era um curso Técnico, porque ela se formou no final da década de 40.

LMBE: E ela fez Saúde Pública?

MLMC: Era um curso de dez meses. Enquanto, que o de Dietista era um curso de dois anos, e ela fez Saúde Pública, e embora a lei permitisse que os cursos fossem equivalentes, de Dietistas e de Nutricionistas na década de 60.

LMBE: Exatamente.

MLMC: Mas demorou para o CRN acertar isso e talvez a Dona Debbble tenha tido alguma complicação com isso.

LMBE: Exatamente. (interrompemos a gravação)

Vídeo dois (51 minutos e 59 segundos)

LMBE: Então, aí eu fui para fazer a Faculdade São Camilo, passei na Faculdade São Camilo, entrei e comecei a fazer o curso de Nutrição. Em 75, eu estava substituindo a Dalila. Em 76, eu fui da primeira turma da São Camilo. Então eu já estava na faculdade e então eu já podia inclusive me inscrever para poder dar aula no curso Técnico e tudo mais. E aí comecei a dar aula de nutrição, junto com a Dona Neide, e fiz a faculdade, e o tempo todo que eu fiz a faculdade, eu dei aulas na Carlos de Campos. Então eu comecei a fazer a faculdade de manhã, eu fazia a São Camilo, e a tarde eu dava aula na Carlos de Campos. Algumas professoras da Carlos de Campos, tinha a Maecyra, a Dona Dalva, elas davam aulas, elas chegaram a dar aulas na São Camilo. Então, a tarde eu dava aula com elas na Carlos de Campos, e de manhã, eu era aluna da Maecyra e era aluna da Dona Dalva. Foi muito engraçada essa situação, porque eu estava saindo numa condição como colega, e, também era aluna, mas foi muito bom. E o Técnico de Nutrição foi muito rico, a gente sempre estudou muito, e a gente falava que ele preparava as vezes até mais que na faculdade. Então, muita coisa que a gente aprendia no técnico de nutrição, na faculdade era mero complemento. Eu fui enriquecendo e foi muito bom, me aprofundando, me aperfeiçoando, tudo mais. Terminada a faculdade de Nutrição, eu também fui convidada para voltar a dar aulas na faculdade. Eu estava dando aula de Técnica e Dietética junto com a Dona Dalva na faculdade. E lá na Carlos de Campos eu dava aula de Nutrição, junto com a Dona Neide, e a Dona Neide era a coordenadora do curso de nutrição. Ela formou um grupo muito bom de professores, que ela escolhia. Ela via os alunos que ela tinha, aquele lá dá, aquela lá é boa, e ela convidava para vir dar aula, e os professores praticamente foram convidados.

MLMC: E você já me contou isso, interessante. (risos)

LMBE: Ela moldou praticamente isso, eu fui a primeira que entrei para substituir e daí foi indo, naquela época, o corpo docente era a Dona Debble estava para se aposentar, e eu daí eu peguei algumas aulas dela. Tinha a Dona Dalva, a Maecyra, a Dona Neide, e tinha a Dalila.

MLMC: Ela entrou na década de 70 lá.

LMBE: Isso, exatamente na década de 70, entrando na década de 80. Eu me formei na São Camilo, em 1979, entrei em 76 e me formei em 79, e então, em 80, já estava com um grupo querendo se aposentar, era a Maria Cecília Bella, a Dona Keity, e daí a Dona Neide foi formando o corpo docente. Então ela me chamou para dar aula, a Teresa Cristina Mayboroda também foi aluna da Carlos de Campos, e ela fez Biologia, e ela mora no sul. Tinha a Marina F Branco, a Solange Galisa. A Clara não, a Clara veio depois. A Rosana Toscano trouxe a Clara, porque a Clara não fez técnico em nutrição. Todas as professoras que eram da Carlos de Campos, eram os professores que tinham passado pela Carlos de Campos, a Dona Neide era assim exigente nesse ponto, e ela fez com todo o corpo docente.

MLMC: E a professora Dalva você lembra quando ela se aposentou na Carlos de Campos?

LMBE: Lembro quando ela saiu da Carlos de Campos, sim.

MLMC: Ela foi uma das primeiras a se aposentar?

LMBE: Ela foi uma das primeiras a se aposentar. Não, foi a Dona Debble a primeira, depois a Dona Dalva, e o Dr. Grecchi.

MLMC: Ah, sim. Foi na década de 70.

LMBE: Depois saiu a Dona Cecília Bella ou a Dona Keity, as duas saíram meio que juntas, depois saiu a Dona Neide, e a Dalila, então foi aos poucos, e daí eu estava nesse grupo novo. Praticamente, elas brincam comigo. Eu dei aulas para elas também, elas se formaram na Carlos de Campos, elas passaram por mim, foram minhas alunas e eu brinco.

MLMC: Elas tiveram que fazer de novo o curso, e que foi um absurdo.

LMBE: Como? Não.

MLMC: Na década de 70, elas tiveram que fazer de novo o curso Técnico de Nutrição, porque não valeu a de Dietista, uma meia dúzia delas, oito tiveram que fazer o curso, não foi nessa década?

LMBE: Não foi nessa década. Isso foi antes, da década de 60 para 70.

MLMC: Então onde você foi professora delas?

LMBE: Eu fui professora delas como técnica, eu saí do técnico, e eu fiz a faculdade de nutrição dando aula na Carlos de Campos.

MLMC: Entendi.

LMBE: Então esse pessoal que estavam terminando o técnico na Carlos de Campos, e eu dava aulas para elas. Passado, um ou dois anos, elas entrevam para a faculdade também, e eu dava aulas para elas também. Eu fiquei uns quatro ou cinco anos, e daí começou a trocar o corpo docente da Carlos de Campos, eles começaram a se aposentar. E começaram a contratar essas meninas novas que fizeram o curso de faculdade em Mogi, fizeram na São Camilo, e eu acho que da USP não tinha ninguém.

MLMC: Mas, você chegou a ter consultório ou você sempre trabalhou com educação?

LMBE: Não. Cheguei a também a montar um grupo de atendimento em nutrição. Mas, eu tinha um grupo na São Camilo, que começou a trabalhar na área de Saúde Pública com atendimento. Então, eu participei algumas vezes até da montagem da grade curricular, tinha uma disciplina de nutrição que tinha cálculo. Eu sou da época que eu comecei a parte de cálculo de nutrição. Nós montamos uma disciplina que era Dietética e Nutrição, somente a parte de cálculo, e Nutrição que seria somente a parte teórica da nutrição.

MLMC: Isso na Carlos de Campos?

LMBE: Não, na Faculdade São Camilo. Na Carlos de Campos muitas vezes eu cheguei a montar grade curricular junto com a Dona Neide. Eu dei curso junto com a Dona Neide, inclusive, para profissionalizar os professores dos cursos técnicos de nutrição do estado de São Paulo, então eles vinham a gente montava um curso, a gente dava aula, eles perguntavam como e qual era o sistema de avaliação.

MLMC: Acho que até 72 a única escola que tinha nutrição era a Carlos de Campos, depois começou ampliar isso.

LMBE: Exatamente. E a gente ajudou nessa formação também, e praticamente eu estava me formando no curso de Nutrição e ajudando na formação dos professores do curso técnico, eu era jovem e foi uma coisa assim muito diferente dos jovens de hoje. A gente fazia com amor e uma coisa muito grande na nutrição. Quando eu me formei, eles me convidaram para dar aula na São Camilo também. Então eu voltei para dar aula e eu dava aula junto com a Dona Dalva, na Técnica e Dietética, só que ela estava se aposentando da nutrição na São Camilo. E daí eu não consegui também. Eu tinha casado em 79, fiz o último ano da faculdade casada, fazendo estágio, dando aula na Carlos de Campos, me formei, e a São Camilo me chamou para dar aula. Eu estava dando aula na Carlos de Campos. E a Nevolanda Alves Modesto, diretora na São Camilo, ela trabalhava na prefeitura, e, também, estava precisando de nutricionista e ela me chamou para ir para a prefeitura. E eu casada, não dava conta e daí saí da prefeitura, nem comecei, fui assinar minha carta de desistência na prefeitura e, depois, eu desisti também da faculdade, porque dar aula na faculdade eu não me sentia preparada. O técnico a gente dava aula o dia inteiro. E o curso da Carlos de Campos, era diferente, junto com a Dona Neide, nós escolhíamos, era o nosso grupo. E a gente brinca, e fala que: a gente era as discipulas da Dona Neide, o grupo da Dona Neide, as filhas da Dona Neide. E nós temos um grupo no WhatsApp que são “as filhas da Dona Neide” e a gente fala: as filhas da nutrição, eu falo que eu sou a mais velha e tinha esse vínculo muito importante.

LMBE: E daí para dar aula na Carlos de Campos, eu fui fazer Fatec - o Esquema I para poder dar aula no técnico, no estado.

MLMC: Você lembra que ano você fez isso?

LMBE: Não me lembro. Acho que foi 82 ou 83.

MLMC: A professora Helena Peterossi chegou a dar aula?

LMBE: Se chegou a dar aula para mim na Fatec? - Eu não lembro, assim quem terminei o Esquema I na Fatec, foi um ano, e depois eu fiz Pedagogia também na Carlos Pasquale, que era pertinho, e foi mais um ano de adaptação eu terminei Pedagogia. E eu também voltei para dar aulas de novo na faculdade, dava aula no técnico e na faculdade. Porque você tem aquela

coisa da carreira. Daí vieram filhas, em 86 eu tive uma filha, e em 87, já eu tive outra. Eu resolvi ficar na Carlos de Campos, eu fiz não foi mestrado, foi uma pós na Escola Paulista de Medicina, na área de Saúde Pública, e daí, eu estava montando um grupo para atendimento, mas continuava dando aula na Carlos de Campos e, também dava aula na faculdade, e eu saí da faculdade por causa das meninas pequenas e com as filhas pequenas eu pedi afastamento, porque essa pós lá na Faculdade Paulista era o dia inteiro e eu não dava para dar aula.

MLMC: E a Secretaria da Educação, ela permitia afastamento?

LMBE: Tive afastamento sem renumeração.

MLMC: Agora pelo menos eles dão 50% do tempo.

LMBE: Eu resolvi sair sem remuneração, eu e a professora Ângela, que dava aula na Carlos de Campos, a gente estava com as crianças pequenas. Ela tinha dois filhos homens e eu tinha duas meninas, os nossos filhos têm um ano de diferença, os dela são mais novos que as minhas. A gente estava com as crianças pequenas e as duas davam aulas na Carlos de Campos. E a gente dizia: - vamos fazer, é a área de Saúde Pública, é o que eu gosto. Então vamos, e ficamos um ano afastada sem ganhar, e daí nós resolvemos e tudo bem. Teve aquela coisa de segurar as aulas, porque as pessoas seguravam as aulas para garantir e você voltava e podia escolher as aulas de novo. Todo começo de ano você tinha que escolher aulas, e era aquela loucura, e você não sabia se ia sobrar e o que você ia dar. Isso é difícil, porque você começa um trabalho e você quer melhorar. Mas, as vezes isso era difícil porque você não ficava com a sua aula, mudava.

MLMC: Mas isso na sua época já existia?

LMBE: Já, já. Sim sempre existiu. Isso era uma insegurança, porque a gente não tinha uma segurança, você não era concursada, não tinha concurso para nutrição. Hoje tem?

MLMC: Hoje tem concurso, eu mesmo sou indeterminada, dei sorte. Porque na época que eu prestei ainda acontecia isso. Hoje não, hoje o professor faz concurso, geralmente, como determinado e, ele fica dois anos e depois, ele tem que ficar seis meses afastado, para depois retornar, ou prestar novamente. Agora está mais difícil. Cada vez complica.

LMBE: É uma pena. Eu acho que deveria ter essa coisa de você melhorar, você estudar, devia ter tudo isso. Porque se eu dou aula da disciplina Nutrição, eu deveria continuar com a Nutrição se eu dou aula, eu gostaria de ficar com a disciplina Nutrição, porque eu vou melhorando, vou aperfeiçoando e mudando. Mas, mesmo assim na Carlos de Campos, eu passei por tudo: eu dei Nutrição, daí a gente abriu Nutrição e Dietética, a Dietética era cálculo e a Nutrição era teórica. depois a gente foi dar Educação Nutricional, que foi a área que acabei me especializando mais, que foi em Educação Nutricional. E eu nunca fui para a área de Dietoterapia e nem para a área da Administração, eu fiquei muito na parte de Nutrição, de Nutrição e Dietética e nos Cálculos Nutricionais. Eu inclusive desenvolvi alguma coisa de Educação Nutricional. A gente não tinha livros, não tinha nada, era um capítulo da Nutrição a Educação Nutricional e depois virou uma disciplina, tanto no Técnico quanto lá na São Camilo também.

MLMC: Uma das coisas que eu quero estudar, se sobrar tempo um dia, é comparar: - eu também fui professora da Bromatologia. E a sensação que eu tenho, quando converso com a Dalila e agora conversando com você também, é que eu peguei material que eu acho que ainda é da época da Debble, assim a metodologia. Até se você tiver cadernos antigos e tal. Pode ser uma forma para eu comparar o meu material da época de 2000, porque eu não tenho esse tipo de material no acervo da professora Debble, isso não ficou, e seria interessante a gente ver essa evolução.

LMBE: Entendi. De grade curricular e de conteúdo, é muito diferente, foi mudando mesmo. Mesmo Higiene e Saúde Pública, foi mudando, e era o professor Silvio que dava aula de Higiene.

MLMC: O Silvio era irmão do superintendente Arnaldo Laurindo.

LMBE: Exato.

MLMC: Eu estou te colocando isso, porque depois eu vou te mostrar um artigo que eu publiquei recentemente numa revista da PUC, porque eu tenho tentado entender os objetos da Química que estão no Centro de Memória. Então eu comparo com as metodologias. Então o Pompêo do Amaral, por exemplo, publicou um livro sobre O Leite, que ele ganhou um prêmio da Academia Nacional de Medicina. Tem um capítulo de metodologias de análises do leite e eu pude comparar com os objetos que tem lá, mas existem outros objetos que eu preciso completar a minha pesquisa.

LMBE: Então vamos espionar qual o material para a gente toda essa história da educação, eu estudei muito a educação e como você falar da nutrição educacional. Querem colocar nutrição no currículo, na grade curricular do ensino fundamental, dentro da Biologia e da Ciências, mas é só um capítulo, e as vezes passa batido e não passa uma informação adequada, então a gente trabalhou muito isso. Na Carlos de Campos a gente trabalhava com um projeto, que se chamava Projeto de Educação Nutricional - PEN, e as minhas alunas da Carlos de Campos faziam um projetinho de como ensinar nutrição para criança, para a pré-escola e tinha as crianças do primário, que tinha a primeira e segunda, a terceira série e elas tinham que fazer brincadeiras sobre os alimentos com a pirâmide, as cores, fazer músicas, e de como você ensinaria essas crianças, dependendo da faixa etária fazer o teatrinho, e esse envolvimento era muito rico e muito interessante.

MLMC: Estou adorando te ouvir porque eu dei aula de Educação Alimentar e eu fiz exatamente esse trabalho de levar as alunas na Creche do Brás, fiz esse trabalho e é motivante saber.

LMBE: A gente fazia assim uma coisa assim: elas tinham que fazer uma avaliação inicial e uma avaliação final. É todo aquele esquema: você tem que fazer um diagnóstico, saber o que eles não sabem, e depois você vai fazer uma avaliação para ver o que eles sabem, mesmo com criança. É lógico que era um pouco dirigido, e depois você faz avaliação final para ver se as crianças apreenderam alguma coisa. Lógico que todo processo de ensino tem que ser assistido e voltado para isso. Elas faziam salada de frutas, brincavam e tinham várias coisas, isso em escolas normais do estado.

LMBE: E foi muito interessante, porque na faculdade, eu peguei uma menina fazendo nutrição, uma aluna que disse: - Professora eu só vim fazer nutrição, porque eu fiz um cursinho quando estava no primeiro ou segundo ano primário, e a aluna era da Carlos de Campos e foi dar o curso e eu me encantei com a nutrição, por causa do curso que eu dei lá trás, era muito interessante e muito gostoso. Então tinha muito de desenvolver a pirâmide, como a gente pode ensinar, quais os métodos, como a gente aprende, quais são as etapas que tem. Tudo foi que meio construído quando eu dava aula na faculdade e na Carlos de Campos. Não tem educação nutricional, e depois eu fiz uns livros, depois eu participei de alguma coisa, escrevendo tudo, e aquele primeiro livro que a Dona Neide fez, eu ajudei, nos cálculos, e eu lembro que eu passei umas férias com a Dona Neide, fazendo a revisão aqueles cálculos, calculando a dieta perfeita, fazendo os cálculos de como seria o almoço, fazendo os cálculos certinho, e como aluna, e depois disso foi uma continuidade.

MLMC: Eu vou fazer 19 anos de Centro Paula Souza, então isso que você está colocando, eu vivenciei essas dificuldades no início de 2000 e pouco. Mesmo essa tabela de composição de alimentos, o grupo da Unicamp, acho que é de 2010, você vê que é meio recente. Então essa tabela que vocês fizeram, e tenho até uma que uma aluna me passou um caderno com os cálculos datilografados, que deve ser dessa época de vocês.

LMBE: Com certeza.

MLMC: Está batendo com o que está me dizendo.

LMBE: Na época, as alunas da Carlos de Campos, a Dona Neide não deixava usar calculadora. Naquela época não podia usar calculadora. Então a gente ensinava o aluno regra de três, porcentagem, e ele tinha muito interessante porque você pensava. Hoje a gente tem um programa de cálculo, você joga os dados e vai balanceando a dieta.

LMBE: Até no livro da Dona Neide, a gente fez um encarte da tabela dos alimentos. Tem no livro hoje, quem fez foi a Monica Galisa, uma das discipulas da Dona Neide também. Fez essa tabela de composição de alimentos e é lógico que usava a calculadora. E daí veio o programa de computador e eu falo que eu fui para avaliação nutricional também na faculdade. E eu brincava com as meninas na faculdade, porque a gente tem vários cálculos, e eu falo que: - logo a gente vai passar por uma porta, e como a gente faz várias medidas, do braço, da cintura, altura, e a gente vai passar pela porta. A porta vai falar: você pesa tanto, você tem tanto de IMC, você tem...

MLMC: Fora o DNA.

LMBE: Exato, isso fora o DNA. Hoje você tem a balança que dá massa gorda e massa magra. E eu sou da época, que a gente estava começando com o aparelho de bioimpedância, passava carga elétrica que passa pelo corpo, para determinar massa magra e massa gorda, e hoje já saí tudo pronto, e está tudo certo. Portanto, é uma evolução muito grande nisso tudo. Hoje você pica o dedo e sabe se tem diabetes, a glicemia, o colesterol, então a evolução é muito grande da Ciência da Nutrição.

MLMC: E a sensibilização para mudar a cultura alimentar?

LMBE: Então é aquela história que a gente fala do atendimento da nutricionista. Até você ter o conhecimento de como você deve se alimentar, a gente tem várias linhas da própria alimentação: o vegetariano, o lactovegetariano, o vegano, o natural, você tem vários. A gente saiu do alimento in natura, passou para o alimento industrializado, por necessidade, porque a gente precisava conservar, guardar. A gente estava trabalhando e tinha que preparar e conservar. Do alimento industrializado estávamos voltando para o alimento natural. Aliás passamos pelas pílulas também e os suplementos dietéticos alimentares.

MLMC: O Josué de Castro valorizava no final da década de 40 e o Pompeo do Amaral tinha uma discordância enorme com ele, inclusive tem literatura deles discutindo sobre isso, e quando o Josué de Castro foi para a ONU, ele reconheceu que não era o adequado. Felizmente.

LMBE: Então, a gente tem muita coisa, e tem muita coisa que vai e volta. Hoje se você observar a natureza, se observar o alimento, se você observar o ambiente, se observar o que a sua avó fazia, que ela raspava a casca da banana e colocava em cima como curativo porque era cicatrizante. O peito estava fissurado você colocava e dava resultado, e pronto você tem um medicamento. A indústria farmacêutica envolve disso.

MLMC: A gente tem um muito de problemas, que como química eu posso te garantir.

LMBE: Não dá para a gente entrar muito nessas coisas. E daí junto com a Nutrição, e quando eu tive as minhas filhas, eu tive uma de 86 e outra de 87, e quando elas tinham idade de seis a sete anos, uma das minhas filhas, resolveu que queria fazer pintura, e ir para Artes. Eu gostava de Artes. E a única coisa que eu tive em Artes na Carlos de Campos, teve a professora de português, eu lembro dela, e que chamava Aparecida, a professora Cida. Ela deu aula para mim e ela falava muito de poesia, ela falava muito de filme, e ela falava muito da Semana de Arte Moderna. E nós fomos visitar o MASP na Semana de Arte Moderna e lá eu conheci a Tarsila do Amaral e lá eu descobri.

MLMC: Eu sou apaixonada pela Tarsila de Amaral.

LMBE: Lá eu me apaixonei pela Tarsila do Amaral e pelo Lasar Segall. Então, passando pelo MASP, eu vi uma exposição que tinha o Renoir, o Rembrandt, e vi uma esculturinha do Degas, que é uma bailarina.

MLMC: Nossa eu vou prestar atenção, porque nunca vi.

LMBE: Deve ter no acervo do MASP, acho que ainda tem, é uma bailarina pequenininha, e eu fiquei encantada com aquilo. Mas passou. E nunca mais eu vi nada disso. Mas, então eu fui procurar uma escola de Artes para crianças, que era Penha, eu moro hoje no Tatuapé, eu morava na Penha, que chama Vivenka, e eu vi um pessoal mexendo com barro, aquilo lá me encantou, eu quero fazer isso, eu quero mexer com o barro, eu quero fazer esculturas. Eles não faziam esculturas, eles faziam potes e enfeites de mesa, essas coisas. Mas, enquanto eu levava minha filha para fazer pintura, eu mexia com barro, eu acho que é uma forma de fazer resgate que a gente nem sabe que tem, e eu comecei a mexer com isso, e era uma forma de lazer. Eles diziam: gente nós estamos no final do ano. Eu comecei a fazer escultura, e daí comecei a investir, um trabalho muito grande para estudar a arte, a história da arte, em paralelo isso, uma forma de lazer. E, também, paralelo a gente tem as filhas, e daí tinha a família, e a Carlos de Campos, e aí a São Camilo. E por isso que eu parei primeiro com a Carlos de Campos, fiquei com a São Camilo, e daí tive que fazer mestrado. Mas fazendo mestrado, eu não queria largar com as coisas de artes. Eu adorava e fazia Artes e isso toma um tempo.

LMBE: Tive que fazer projetos na São Camilo, tinha o projeto de atendimento, tinha que pesar alunos no projeto de avaliação nutricional, tinha que envolver a família, os pais, a escola, todo mundo, a gente tinha esse projeto para desenvolver, e tinha que publicar pela faculdade, e a gente tem que ir, é um volume de coisas imensas. No final, eu me aposentei da São Camilo, e não era para eu parar, mas pensei em continuar dando aula. Mas, a última coisa que a gente fez foi, foi reescrever o livro “Nutrição e Dietética” da Dona Neide. Nós incluímos a parte de Dietoterapia, colocamos a parte de Nutrição Educacional, e daí chamamos todo mundo, as filhas da Dona Neide, e cada uma fez uma parte, cada uma fez um livro.

MLMC: Quando vocês fizeram esse livro em 2008, eu acompanhava a professora e tinha sido uma evolução enorme depois da última revisão dela, faltava isso no mercado.

LMBE: Tem essa revisão até hoje. Tanto que a faculdade de nutrição consome, lá tem muita coisa, está muito bom e muito bem escrito, e tem o pessoal do técnico.

MLMC: A primeira edição do livro dela, fazendo pesquisa sobre obras raras, eu encontrei um. Então eu pedi um outro livro para ela dessa edição, e ela me disse: mas eu já te dei um. Mas eu queria outro, professora, e queria também esse que tem um encarte. Mas, eu queria dois,

porque eu queria deixar também um no Centro de Memória, e queria continuar tendo o seu livro. E daí eu peguei e entreguei na Biblioteca Nacional, porque eu vou muito para o Rio. Então, ela recebeu uma cartinha, e me perguntou: mas foi você que fez isso? E eu disse: fiz porque os seus livros têm que estar lá junto com os do Pompêo do Amaral.

LMBE: Você fez isso? Muito bom.

MLMC: Isso foi uma coisa boa que eu fiz para ela.

LMBE: É muito gostoso isso e muito bom você lembrar. Essa história toda, porque quando eu comecei eu não sabia o que era Nutrição, o Técnico em Nutrição, quando eu fui lá, porque era Dietista, um Técnico em Nutrição e Dietética. Então até eu saber o que era a nutrição. Eu comecei a fazer a faculdade de nutrição e fui a primeira turma da São Camilo.

MLMC: Essa história mesmo dentro da Carlos de Campos, ninguém conhece.

LMBE: Mudou muito.

MLMC: E é uma luta você fazer as pessoas se envolverem. Esse ano, quando eu fui para atribuição de aulas, me falaram que querem que eu vá participar o ano que vem, e eu disse: - eu venho sim. Ainda mais nessa escola. Então agora vou esperar. Então, eu mesmo estou me propondo a fazer essa exposição com aquele catálogo nas sete escolas que nós temos, para comemorar os 80 anos do Técnico em Nutrição e Dietética, e vou envolver as sete escolas que tem nomes de bairro, porque eu adoraria que uma dessas escolas desse o nome da Neide Gaudenci de Sá.

LMBE: Quais são os cursos técnicos?

MLMC: São: Mandaqui, São Mateus, Guaianazes, eu acho que uma dessas escolas tem curso de nutrição, mas depende da comunidade escolar. Então até maio, que é o evento que nós vamos fazer para comemorar os 80 anos do Técnico em Nutrição e Dietética. Eu estou me propondo, até fevereiro contatar as escolas e eu já estou fazendo os painéis, e vou deixar lá na escola e vou fazer palestra, vou nas escolas, porque eu acho que a gente deve isso ao Pompêo do Amaral, deve isso a Neide Gaudenci.

LMBE: Sim, sim. Ela fez muito. Isso, mesmo, ela fez muito pela nutrição. O pessoal hoje em dia, tudo é muito fácil, tudo você tem na internet, tudo você tem no Google, tudo você tem no Youtube, e vai lá buscar. Mas, na época, não tinha livro, a gente tinha que pesquisar, você tinha que criar, por meio dos textos e de conhecimento que a gente tinha, de experiência mesmo, de pesquisa de campo, que você ia, você pesava, você media, e o que fazia os alimentos, que você pesquisava o que comia e o que não comia.

MLMC: A Neide foi uma agregadora do Pompêo do Amaral. E é por isso que eu sou admiradora do Pompêo do Amaral, porque além da visão que ele tinha sobre alimentação e nutrição, dele ser endocrinologista, de ter criado o curso, ele era muito envolvido com as atividades sociais e políticas, a questão da cesta básica. Ele tinha uma visão muito ampla. Tanto que quando eu fiz as entrevistas com as professoras Maecyra e Dalila, todos eles falavam que ele falava muito de política. Agora os livros dele refletem isso. A professora Neide Gaudenci era de corpo e alma ligada ao Técnico em Nutrição e Dietética, a evolução do curso. Então eu acho assim: uma das escolas eu espero que eu consiga fazer um trabalho de sensibilização e de convencimento.

LMBE: Eu acho muito importante, eu acho assim: é a memória. Aliás, nós brasileiros temos uma certa dificuldade com os acervos e de valorizar isso.

MLMC: Veja o Museu Nacional.

LMBE: Eu ia falar disso. O acervo que a gente tinha lá, o pessoal não dá valor, não cuida. E aí quando vem uma coisa de fora, daí forma fila para ver. Mas a gente tem coisas riquíssimas aqui, que precisavam ser organizadas e ter um pouco mais de atenção para isso. E a gente tem pouca gente que tem o interesse, e você tem, e a dedicação que você tem.

MLMC: Depois que aconteceu aquilo com o Museu Nacional. Eu até nas minhas férias, teve um fórum de museus, lá na Universidade Federal de Minas Gerais, e como eu tenho a incumbência de criar museu virtual, eu não entendia nada de museologia, e então eu fui fazer pós-doc em museologia e patrimônio para adquirir conhecimento, e dei sorte que consegui entrar. E depois disso, acabei participando dessa rede e agora sou membro dessa rede, e foi muito interessante, porque eles têm que trabalhar mais com ações educativas, e por isso organizo livros e monto exposições, porque não adianta só eu estudar e estudar e só fazer trabalho acadêmico, tem que envolver a comunidade.

LMBE: Você constrói conhecimento em cima da história e compartilha. Quando você compartilha, você está multiplicando e cada um tem um olhar, um vai ver para o sul, outro vai ver para o norte, e você não tem essa visão toda, e você aprende e você cresce com tudo isso. Por isso a minha dificuldade, que eu acho que na parte de Artes, eu consigo trabalhar somente com escultura.

LMBE: Eu nunca fui para a Arte, a Arte veio, mas o que veio foi como escultura, e para mim é o tridimensional, eu tenho que ver de todos os lados, eu tenho que sentir o volume, eu tenho que ver tudo. Eu sempre brinco que eu falo assim: que quando eu comecei a minha vida acadêmica, eu falo que para você dar aula, você tem que ler o livro inteiro, para você entender bem, e falar aqueles 50 minutos, e eu sempre fui atrás do conhecimento. Em Artes, eu não tenho esse conhecimento. O conhecimento vem de dentro, então o conhecimento vem antes do registro, e isso é novo para mim, é uma coisa que eu estou voltando para isso. O que eu tenho é uma coisa do experimento, da escultura, e vai vindo as coisas todas. É uma paixão, uma paixão que eu tenho de dar aula e tudo mais. É um tamanho imenso. Eu não dei conta de ficar com a Nutrição e a Arte.

MLMC: Que tipo de material você trabalha?

LMBE: Eu comecei a trabalhar com o barro, porque toda escultura você começa fazendo o molde, a forma. Teria que ser a partir do desenho e do projeto. Mas eu não sei fazer o projeto, eu já vou direto para o barro. E, também, eu falo que não tem projeto: porque tem vida, é uma coisa que vem do movimento, da ideia, da observação. Você começa a observar

LMBE: Seria a partir do projeto.

MLMC: Você aumenta escala?

LMBE: Não, nada. É uma coisa que você vai fazendo. Então eu precisei estudar um pouco mais de anatomia, um pouco mais de corpo humano. Porque eu mexo com a figura humana, tem a coisa da musculatura, tem uma coisa assim como as folhas, tem a coisa do volume e daí eu fui indo e fui aprendendo e fazendo.

MLMC: Quando a professora Neide Gaudenci disse que você tinha se envolvido com a Arte, eu fiquei curiosíssima para te conhecer. Porque eu sou apaixonada por Leonardo da Vinci, e

agora ouvindo você falar, e ele fez exatamente isso, ele começou a dissecar corpo, o interesse dele pela pesquisa em várias áreas.

LMBE: E isso que acontece dentro da escultura, porque quando eu vi o pessoal mexendo com barro, eu quero fazer escultura, mas a gente não faz escultura. A não, mas então vamos ter que fazer. Daí eu descobri que tem que fazer as bolinhas, então você tem que furar porque senão estoura, acontecer a queima, e daí você vai estudando. E então do barro você faz a forma, da forma pode tirar a forma e fazer bronze, ou então pode fazer de outro material. E foi indo eu cheguei em Carrara para fazer um curso em pedra e foi uma emoção muito boa. Porque eu não me considero artista, porque eu não tenho uma formação de artes. Eu não tive aula, eu fui indo. Eu frequentei essa escola, a Viveka. E eu frequentei um escultor que trabalha lá em Pinheiros, o Israel Kislansky, que é realmente um ateliê que trabalha com modelo vivo. Eu quase chorei quando eu entrei, eu fazia corpos, mas eu não tinha ideia, e de lá eu comecei a estudar mais e o discípulo do Israel, que é o Milton Santana, era um grupo pequeno, que eram seis mulheres. Você mulher que vai para a Arte por hobby, por prazer, mas as que tem envolvimento e dedicação são poucas, mas os grandes nomes são os homens.

MLMC: Por isso eu admiro muito você, e estou tendo o prazer de te conhecer hoje. Eu vejo que o meu tempo de vida está passando e que eu não vou fazer. Eu tenho livros sobre a vida da Camila Claudel e a vida do próprio Rodin. O primeiro lugar que eu queria ver é o Museu.

LMBE: Você quer fazer. Quando eu começo a fazer uma escultura tem vida. Então eu tenho que esperar dá um tempo, e daí pode estourar o tempo, e se transforma e eu faço por puro prazer.

MLMC: E como escrever um artigo, mesmo sobre a história do Pompeo, só que chega uma hora que o artigo, 50% do que você escreveu vai ficar para o próximo, e depois a partir daquilo ali, o artigo ganha forma e não é mais você que manda nele e vai.

LMBE: Parece que você é só um instrumento E você vê uma forma naquilo. As informações chegam até você, como vai chegar? Se é através de mim ou da internet, ou de uma coisa que se observa. O Michelangelo falava que ele tinha que olhar a pedra para ver o que ela ia falar para ele, e eu disse que é o que vai sair da pedra. Eu fiquei muito tempo numa pedra grande, eu ia fazer um homem, e aí vi uma mulher, e depois tinha outra mulher, e então foi a Eva saindo do Adão e voltando, e ligado a formação de tudo. E daí o nome, o que é aquilo, o significado você vai perceber quando está pronto. É uma coisa que vai indo, você vai

lapidando, você vai mexendo, e é isso que eu posso fazer. Eu sou extremamente grata, eu era apaixonada pela nutrição, e eu estava naquela coisa de aula, de trabalhar e de escrever, mas daí depois eu comecei com a coisa da Arte, e a Arte é um prazer para mim, é uma realização e assim: tem gente que me pede - eu quero uma escultura assim, você faz? Não, a Arte é um prazer para mim, é uma coisa que vem de dentro.

MLMC: O próprio Rodan, ele sofria, porque acho que é próprio do artista.

LMBE: Então é assim: reflete o que você é naquilo, reflete o seu mundo, ou reflete como o mundo está, reflete a vida.

MLMC: Eu acho que a minha paixão pelo Pompêo do Amaral.

LMBE: É isso aí.

MLMC: Imagina, eu comecei a representar a instituição no Conselho de Segurança Alimentar, e encontro no Centro de Memória um documento que diz que lá é a primeira aula inaugural de alimentação e nutrição e eu que adoro políticas públicas.

LMBE: Então, tudo se encaixa.

MLMC: E daí você vai conhecendo a vida dele, e pensa esse homem fez coisas que eu adoraria ter feito ou adoraria fazer.

LMBE: Mas você está fazendo, está dando vida a essa memória.

MLMC: Estou trazendo à tona.

LMBE: E a Dona Neide também e o conhecimento dessa mulher, a organização e a paixão dela pela nutrição, é o curso Técnico de Nutrição, pela formação de profissional, eu já me encantei com o alimento em si, como ele vem para o corpo, como é que se transforma, o que ele faz. Mas, essa parte do curso Técnico é a Dona Neide, é ela é que fez a grade. Ela praticamente fez parte da montagem da nutrição no Brasil.

MLMC: Eu conversava com a professora Neide, mas o respeito era tão grande, nós nos considerávamos amigas. Mas é diferente, por exemplo, de eu falar com você, que eu me abro

muito mais, mas com a professora Neide tinha aquela diferença, era a professora Neide do conhecimento, da postura, da ética.

LMBE: É uma coisa incrível, ela merece muito e o que eu puder contribuir. A gente acaba desligando um canal e ligando o outro, e tem as coisas do dia a dia, e então a gente dá uma parada, e o ano passado foi complicado, não só economicamente, mexendo com tudo, mas familiar e muitos problemas de saúde. Mas eu vim, porque eu falo que a Arte hoje, para mim é o oxigênio, e para mim mexer com Arte é uma terapia. Agora eu estou um pouco distante, porque tem as férias, entre aspas, porque tem as netas, a filha, mas eu já estou voltando.

MLMC: Leila, eu quero agradecer a sua entrevista.

LMBE: O trabalho que você faz é maravilhoso.

MLMC: Vou pegar seu e-mail, vou pedir autorização. Eu vou transcrevê-la, talvez demore um pouquinho e depois a gente retoma isso, nos cadernos, para dar continuidade a essa pesquisa.

MLMC: Muito obrigada.

Descritores

História oral na educação

Memórias do Trabalho Docente

Centro de Memória

Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

Técnico em Dietética

Técnico em Nutrição e Dietética

Leila Maria Biscolla Esperança

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Neide Gaudenci de Sá

Dalila Ramos

Debble Smaira Pasotti

Maecyra Bernardes de Melo

Maria Dalva Oliani

Israel Kislansky

Técnico em Enfermagem

Esquema I

Centro Universitário São Camilo

Faculdade de Nutrição

Educação Alimentar e Nutricional

MASP

Semana de Arte Moderna

Escultura de barro

Pintura

Ensino Fundamental

Dados Biográficos da Entrevistada



Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 16/01/2019.

Leila Maria Biscolla Esperança. Nutricionista formada pelo Centro Universitário São Camilo. Pedagoga pela Faculdade Carlos Pasquale. Licenciatura Plena pela Fatec-SP. Especialista em Saúde Pública pela UNIFESP. Mestre em Administração pelo Centro Universitário São Camilo. Educadora em Saúde Pública pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Docente do Curso Técnico de Nutrição e Dietética na ETE Carlos de Campos por mais de 17 anos. Docente do curso de Nutrição do Centro Universitário São Camilo por mais de 25 anos. Atua na área de artes plásticas como escultora, com o nome artístico Leila Biscuola. Fonte: https://www.academia.edu/44054359/Livro_de_Educa%C3%A7%C3%A3o_Alimentar_e_Nutricional. Acesso em: 22 dez. 2022.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017).

Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexos (documentos sigilosos e não público disponíveis ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Leila Maria Biscolla Esperança

Termo de Autorização para uso de Imagem de Leila Maria Biscolla Esperança